

Artigos

Lenora Pinto Mendes

Armando de Senna Bittencourt

Marcello José Gomes Loureiro

Renato Jorge Paranhos Restier Junior

Graciete Guerra da Costa

Fernanda das Graças Corrêa

A exortação da guerra – o ideal da cruzada aos infiéis e as conquistas marítimas portuguesas

Lenora Pinto Mendes

Doutora em História pela UFF em 2005. Concluiu mestrado em música medieval no Sarah Lawrence College – Early Music Program (EUA) em 1989. Pesquisadora do Scriptorium – Laboratório de estudos medievais e ibéricos da UFF. Integrante do conjunto Música Antiga da UFF desde 1982 com o qual gravou quatro CDs com músicas da Idade Média e do Renascimento.

RESUMO

Em finais do século XV, ao voltar seus olhos para o mar, Portugal se transformou na primeira nação europeia a dominar o “mar oceano”. Os feitos marítimos portugueses ao longo do século XVI desconheciam para os europeus. A conquista de novas terras e o comércio com o Oriente trouxe para o Reino português riquezas sem fim além do exotismo do mundo oriental que pode ser observado através das crônicas, nas vestimentas e festas da Corte e na arquitetura através do estilo manuelino. O teatro de corte português, com seu principal dramaturgo, Gil Vicente, vai se desenvolver funcionando como elemento propagandístico do monarca para a exaltação dos feitos portugueses no além-mar perante seus súditos. Paradoxalmente, o discurso oficial, que permeia todo esse processo é o do ideal medieval da cruzada para a conversão dos infiéis ao cristianismo.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra, conquistas, teatro

ABSTRACT

In the late fifteenth century Portugal turned their eyes to the sea and became the first European nation to dominate the “ocean.” The Portuguese seafarers’ feat during the sixteenth century opens up a world hitherto unknown to Europeans. The conquest of new lands and the trade with the East brought to the Portuguese kingdom endless riches beyond the exotic eastern world that can be observed through the chronicles, in the garments and parties organized by the court and in architecture through the Manueline. The Portuguese court theater, with its leading playwright - Gil Vicente, will collaborate with this process working as propaganda for the exaltation of the king and kingdom and the feat of the Portuguese overseas. Paradoxically, the official discourse that permeates this whole process is that of the medieval ideal of the crusade to convert the infidels to Christianity.

KEYWORDS: War, achievements, theater

Desde a Alta Idade Média os príncipes ibéricos tomaram para si a empreitada da reconquista da península para entregá-la a Cristandade. Em 1102, o Papa Pascoal II assimilou a reconquista ibérica às cruzadas proibindo a partir de então que príncipes ibéricos atacassem infiéis na Terra Santa (RUCQUOI, 1995, p.217). Deviam concentrar suas forças na reconquista da Península para a Cristandade.

No início do século XV, depois de reconquistado todo o território português tomado pelos mouros e apaziguados os ânimos com a vizinha Castela, que tentou mais uma vez reinte-



grar o Reino português aos seus domínios, Portugal voltou seus olhos para o mar, sua maior fronteira. A expansão marítima portuguesa foi feita principalmente através de guerras de conquistas territoriais, onde se estabeleciam pontos na costa do continente africano que serviriam de entrepostos ao longo do caminho para o Oriente.

A primeira etapa da expansão marítima portuguesa se deu com a conquista de Ceuta, no Marrocos, por Dom João I, em 1415. Essa conquista, além do aspecto territorial, tinha por principal motivação a luta contra a fé islâmica que por muito tempo esteve presente nos Reinos de Portugal e Castela. Embora a conquista de Ceuta não tenha trazido nenhum ganho econômico ou estratégico, ela trouxe para o Reino português honra e títulos pelo seu caráter cruzadístico de conversão dos povos conquistados ao cristianismo.

Ceuta tornou-se um campo de honra e títulos, sinal de cruzada havida e muita mais a haver, baluarte de prestígio para a monarquia, credencial portuguesa em Roma e em todos os principados cristãos. Por conseguinte, Ceuta manter-se-ia e outras “Ceutas” se haviam de buscar (MATTOSO, 1997, vol.II, p. 423).

Motivados pela conquista de Ceuta, que passou a constar no título dos reis portugueses, o Oceano Atlântico foi sendo explorado para o Sul e para Oeste. Em 1419 foi descoberta a Ilha da Madeira e em 1422 as Ilhas dos Açores. Ainda em 1422 os portugueses chegaram ao Cabo Bojador considerado na época a fronteira do mar impossível (MATTOSO, 1993, vol.II, p. 418.).

Em 1455, o Papa Calisto III convocou os reis cristãos a se unirem numa cruzada contra os turcos (MATTOSO, 1997, vol. II, p.423). O Rei Dom Afonso V (1448-1481) tomou a dianteira, preparou-se, enviou embaixadas e cartas a outros países e aguardou uma ordem para avançar que nunca chegou, pois os outros reis convocados não aderiram a essa cruzada fora de época convocada pelo papa. A Dom Afonso só restava continuar a dirigir esforços para as praças africanas e foi o que fez conqui-

tando Tanger, Arzila e Alcacer Ceguer. A certeza de estar combatendo numa guerra santa, como no tempo das cruzadas, esteve sempre presente nas campanhas militares portuguesas de conquistas territoriais na África e na expansão ultramarina.

Em 1486, Dom João II conseguiu do papa a Bula da Cruzada o que ratificava o sentido de guerra santa ligado às conquistas africanas e agregava ganhos para a coroa, advindos dos rendimentos eclesiais (MATTOSO, 1997, vol. III, p.46). No reinado de Dom João II, no entanto, os territórios africanos começaram a trazer riquezas através do comércio, principalmente das minas da Guiné e do açúcar da Madeira. O velho ideal cruzado, apesar disso, não saiu da mente dos portugueses e ao lado dos interesses econômicos a justificativa de guerra santa sempre era invocada. No reinado de Dom Manuel (1496-1521) vemos ainda a permanência deste discurso nas crônicas, no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende e no teatro de Gil Vicente.

No tempo de Dom Manuel I, o teatro vicentino desempenhou importante papel na propaganda régia e na elaboração da imagem de um Reino vitorioso e de abundância. O teatro era parte integrante de uma espécie de “espetáculo do poder” e estava presente nas Cortes mais poderosas do Renascimento europeu (FRÖES, 1993, p.188). Poeta e dramaturgo, Gil Vicente atuou na Corte do mais rico e poderoso dos reis portugueses – Dom Manuel I –, deixando uma marca que pode ser notada em toda a produção teatral ibérica que se seguiu.

Sua primeira aparição se deu no ano de 1502 por ocasião do nascimento do Príncipe Dom João, primogênito de Dom Manuel. À medida que os anos se passavam, seu teatro passou a estar cada vez mais presente na Corte do rei venturoso e não houve nascimento ou casamento real que não contasse com um espetáculo produzido por Gil Vicente para o enriquecimento e engrandecimento das comemorações. A presença de Gil Vicente na Corte portuguesa se estendeu até o reinado seguinte – de Dom João III – quando a produção teatral vicentina aumentou ainda mais e atingiu plena maturidade.

Mesmo sendo montados e representados na Corte e para a Corte, esse teatro alcançava a população das principais cidades do Reino que participavam ativamente das festas promovidas pela realeza. Nessas festas, que duravam vários dias e até meses, as Sés e os paços se transformavam em palcos de um “teatro do poder”. E em torno desses espaços a população se aglomerava para assistir aos espetáculos produzidos pela realeza.

Dom Manuel vai multiplicar as festas e cerimônias públicas. Gostava de caminhar pela cidade montado em elefantes e ao som de trombetas e charamelas. Despachava em barcos embandeirados que desfilavam pelo rio. A partir de seu reinado as encenações do poder se infiltram em todos os compartimentos da sociedade portuguesa.

No teatro vicentino vemos a confirmação do ideal cruzado presente nas conquistas africanas. No auto da *Barca do Inferno*, todos os personagens, com exceção do parvo (louco), são condenados ao inferno. Ao final do auto entram em cena quatro fidalgos da Ordem de Cristo que *morrerão nas partes d'África*. O anjo os estava esperando para entrar na barca da Glória e diz:

*Ó cavaleiros de Deos
a vos estou esperando
que morrestes pelejando
por Christo, Senhor dos ceos.
Sois livres de todo o mal,
sanctos por certo sem falha;
que quem morre em batalha
merece paz eternal*
(VICENTE, 1942, vol.II, p. 81-82).

Vemos que Gil Vicente destaca serem os cavaleiros *fidalgos*, ou seja, eram integrantes da nobreza uma vez que não havia em Portugal um exército treinado para a guerra. Dom Afonso V tentou organizar um¹ mas sua intenção não se concretizou e o problema de arregimentar homens para as guerras era resolvido de acordo com as circunstâncias. Nobres, senhores e vassalos desempenharam um papel fundamental na constituição dos Exércitos portugueses. Todos participavam nas guerras seja pessoalmente com

seus cavalos, seja através de concessões e de contribuições à coroa (MATTOSO, 1997, vol. III, p.103).

O auto *Exortação da guerra*, de Gil Vicente, foi encenado, segundo a didascália, na *partida pera Azamor do ilustre e mui magnifico Senhor Dom Gemes (Jaime), Duque de Bragança e de Guimarães na era de 1513*. Azamor era uma das praças africanas conquistadas pelos portugueses para o abastecimento dos navios que se destinavam a tráficos mais longínquos. O primeiro personagem que aparece em cena é um clérigo *nigromante*, ou seja, ele tinha poderes sobrenaturais e invocava os mortos por meio dos quais fazia adivinhações. Adeline Rucquoi, em seu livro *História Medieval da Península Ibérica*, atenta para o fato de que o ideal do cruzado era o do cristão perfeito e o não respeito por normas morais ou canônicas era considerado defeito pequeno diante da grande missão que desempenhavam combatendo os infiéis. Assim, vemos nos autos vicentinos clérigos casados, enamorados e *nigromantes* sem nenhuma culpa por seus atos.

O clérigo invoca dois diabos que deveriam trazer das profundezas infernais Policena, filha do Rei Príamo de Troia. Os personagens troianos e referências à guerra de Troia aparecem em diversos momentos da obra vicentina. Vemo-los no *Auto da Sibila Cassandra*, no *Templo de Apolo* e na *Exortação da Guerra*, entre outros. A história de Troia e sua famosa guerra era bem conhecida dos portugueses. Ainda no século XII um *Roman de Troie* foi escrito por Benoit de Sainte-Maure o que tornou a história da guerra de Troia popular na Idade Média. A partir deste texto, diversas traduções para várias línguas foram feitas (entre elas o português) que circularam por toda a Europa e também na Península Ibérica. A *Crónica Troiana*, como era chamada na sua tradução de Toledo, conta-nos a história da *Ilíada* e da *Odisseia* do ponto de vista da Idade Média, ressaltando a descrição das batalhas e acrescentando aos feitos de armas elementos do mundo cortês medieval tais como o amor, a traição e todo um universo

¹ Ordenações Afonsinas, livro I, cap. LXVIII a LXXI.

ligado ao feminino presente nos combates dos cavaleiros (TAVANI, 1993, p.192).

Policena chega à Corte portuguesa e tece mil elogios ao rei e aos cortesãos dizendo entre outras coisas que o paço troiano não foi digno de tanto primor. Chama Dom Manuel de *Príamo maior, hum Cesar soberano* e ao final da sua fala, Policena exorta a todos a se empenharem nos preparativos para a guerra:

*Senhores Guerreiros,
e vós, Senhoras guerreiras,
bandeiras e não gorgueiras
lavrae pera os cavaleiros.
Que assi nas guerras Troianas
eu mesma e minhas irmans
teciámos estandartes,
bordados de todas partes
com divisas mui louçans.
com cantares e alegrias
davamos nossos colares,
e nossas joias a pares
per essas capitánias.
Renegae dos desfiados
e dos pontos enlevados:
destrua-se aquella terra
dos perros arrenegados.
(VICENTE, 1942, vol.IV, p.148)*

Vemos nestes versos uma convocação explícita da nobreza para colaborar na guerra de conquista de Azamor. As mulheres também podiam colaborar doando suas joias e confeccionando bandeiras. O próximo personagem trazido pelos diabos é Pantasilea, rainha das amazonas. Vem dizendo que se pudesse serviria ao Rei Dom Manuel em suas capitánias. Cobra simplicidade dos portugueses e que busquem ter fama de feroces e não de ricos:

*Alabardas, alabardas!
Espingardas, espingardas!
Não queirais ser Genoeses,
senão muito Portugueses,
e morar em casas pardas.
Cobrae fama de feroces,
não de ricos, qu'he p'rigosa
dourae a pátria vossa
com mais nozes que as vozes.
(VICENTE, 1942, vol. IV, p.153)*

Outros fatores também ligavam os portugueses à história de Troia, entre eles a crença de que Aquiles tenha vivido em uma ilha da costa portuguesa. Pantasilea no final de sua fala ao referir-se a Aquiles diz:

*Achiles, que foi daqui
de perto desta cidade
chame-o dirá a verdade
se não quereis crer a mi.
(VICENTE, 1942, vol. IV, p. 148)*

Uma lenda, que circulava em Portugal, dizia que a Ilha de Skyros, onde Aquiles teria passado sua infância, se situaria na costa portuguesa². O personagem Aquiles, em sua fala refere-se também a esse fato:

*Eu Achilles fui criado
nesta terra muitos dias
e sam bem aventurado
ver esse reino exalçado
e honrado per tantas vias.
(VICENTE, 1942, vol.IV, p. 150)*

Ao final de sua fala compara Portugal a Roma, que *conquistava toda a terra* e como as damas romanas, as portuguesas também deviam dar suas joias para manter a guerra. Reforça o pedido de ajuda aos *pastores da Igreja*, que vendam taças e breviários e comam pão e *rabaças* para que morra a seita de *Mahoma*. Outros personagens troianos ainda entram em cena. São eles Anibal, Heitor e Cipião que continuam a reforçar o aspecto de guerra aos infieis que aquela conquista representava:

*Africa foi de Christãos,
mouros vo-la tem roubada
Capitães ponde-lh'as mãos...*

*Ó senhoras Portuguesas,
gastae pedras preciosas,
Donas, donzelas, Duquezas,
que as taes guerras e empresas
são propriamente vossas
He guerra de devação,
por honra de vossa terra,
cometida com razão,
formada com descrição
contra aquela gente perra.
(VICENTE, 1942, vol.IV, p.153)*

² Notas Vicentinas, IV, p.202. In: Notas de Marques Braga à edição das Obras Completas de Gil Vicente. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1942, vol.IV, p. 148.

Exortando todos a ajudarem na guerra de conquista de Azamor, Gil Vicente coloca seu teatro a favor dos ideais da monarquia. Em pleno século XVI, no entanto, os interesses na África iam muito além da conversão dos infiéis. Os ganhos com o comércio no Oriente trouxeram riquezas imensas para Portugal, que se tornou um dos Reinos mais ricos e admirados da Europa. Mesmo assim, o discurso de guerra santa não perdeu sua força e continuava a ser usado para justificar, perante a Igreja, a nobreza e súditos, a importância da empreitada real.

O século XVI foi um grande século para Portugal. Os descobrimentos marítimos trouxeram para o Reino ibérico o luxo e o exotismo oriental, operando uma verdadeira metamorfose na vida dos portugueses. Com as

conquistas e rendimentos do comércio marítimo Dom Manuel vai governar um Reino rico e promover profundas reestruturações no Reino e em cidades importantes como Lisboa. Podemos constatar, no entanto, que, apesar dos grandes feitos portugueses, que, enfrentando dificuldades nunca antes enfrentadas, descortinaram para os europeus um mundo até então desconhecido através das grandes navegações, o discurso medieval do ideal da cruzada e da conversão dos infiéis e gentios ao cristianismo se manteve presente e constituiu um dos principais argumentos dos reis e príncipes portugueses para justificar essa empreitada perante a população do Reino e toda a Europa cristã com reflexos inclusive na colonização da África, Ásia e Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRÓES, Vânia Leite. *Missionação portuguesa e encontro de culturas*. Actas do Congresso Internacional de História. Braga: 1993.

LANCIANI, Giulia e Giuseppe Tavani. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.

MATTOSO, José (org.). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997, 4 volumes.

RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Editorial Estampa, 1995.

VICENTE, Gil. *Obras Completas* (com prefácio e notas do prof. Marques Braga). Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1942, 6 volumes.